

O OUTRO LADO

Aldyr Garcia Schlee
Escritor

No dia em que José Jacinto atravessou a ponte sozinho só por atravessar, sem ter nada que fazer aqui, ele quase que pensou uma porção de coisas. Chegou a parar bem no meio, no meio do rio, com um pé no Brasil, outro no Uruguai; chegou a se debruçar na balaustrada. Olhou bem em frente, vendo o rio que se perdia na curva ali adiante; voltou-se para lá, de onde vinha; virou-se para cá, para onde ia. Estava sem ter o que fazer, sozinho. Quando parou, debruçado na balaustrada, foi como se achasse graça de estar ali, olhando o rio correr, foi como se pudesse entender que tudo fazia diferença, mas nada era importante.

Sorriu ao ver a sombra da ponte como que passando, também, como o rio – e nela a própria sombra presa à ponte, passando como a ponte e como o rio. Era como se o rio se refizesse ali na sombra da ponte, como se a sombra se fosse mas já não fosse, como se ela nem passasse e ficasse, sem ter ido, porque sombra; mas indo, porque rio.

José Jacinto sentiu algo esquisito por dentro, nem arrepio nem enjôo nem sufocação nem tonteira, mas diria que um pouco disso tudo junto, como se ali tivesse deixado de viver por um instante; melhor: como se nesse mesmo instante ali tivesse vivido demais, tivesse vivido demais para um vivente.

Com tal sensação que não saberia explicar, José Jacinto atravessou a ponte sozinho; e sozinho voltou para o lado de cá, depois de muito tempo, tanto tempo que para ele o lado de cá agora era outro. Aqui, José Jacinto andou por todos esses lugares por onde se pode encontrar sozinho um homem do lado de lá. Desceu devagar os degraus da escadinha lateral da ponte, atraído pelas barracas dos vendedores de bugigangas. Olhou demoradamente e como se não visse as grandes bonecas de plástico, as bolas coloridas, os chinelos-de-dedo. Caminhou pelo cais, fascinado pelo trabalho dos areeiros que descarregavam seus barcos repletos. Parou na porta dos grandes armazéns de balcões compridos, de cujo interior escuro vinha um cheiro quente de erva-mate. Chegou aos figueirões em volta do Mercado pintado de branco e, ao se acenderem as luzes no fim da tarde, animou-se a entrar pelos fundos, atravessar o pátio interno, entre açougues de balcões vazios e fruteiras de bananas podres, para descobrir um botequim de turco, na frente.

Ele quase que pensou uma porção de coisas, andando por aqui, até pedir um aperitivo e tomar um gole. Meio que pensou muito nele mesmo, no tempo que tinha passado, nisso tudo que encontrava pela frente, naquilo que tinha deixado para trás. Sentiu medo de estar ali, sozinho, diante do homem da venda, sem uma palavra para dizer, calado, com a cabeça enfiada numa mistura de galos de rinha e tropilhas de osso, mandaletes e changas, serviço pesado e mulheres da beira da praia. Teve vontade de dizer algumas coisas para o homem, pigarrear, falar do tempo, de antes, de depois, das marachas abertas a muque, das caturritas comendo os milharais, das grandes tropas atravessando os campos. Vieram-lhe à mente enchentes e secas, a morte do pai e o quartel. Mire – podia ter dito – eu sou assim como me vê, meio uruguaio, mas não sou do outro lado; nasci brasileiro e até sentei praça aqui no Regimento.

– Bueno... – foi só o que disse, quando pagou e saiu, depois de volcar o copo.

José Jacinto é assim mesmo. Eu sei.

Eu sei, José Jacinto. Sei tudo e mais do que pensas, mais do que pensas que sei. Eu sei o que dizes e o que queres dizer, sei o que queres

e não consegues dizer, enquanto te recostas numa sombra, bem ao meu lado, e olhas indiferente esse jogo de futebol em campo aberto, nos arredores de La Cuchilla.

Sei que já não te interessa propriamente o Club Atlético de la Tablada, e menos o torneio triangular que se arreglou com o Peñarol ali da Cañada de Santos e o Huracán lá de Paso de las Piedras. Sei que tuas vistas não se demoram na cancha, nem param na gente que veio a ver a partida, ou nos caminhões que trouxeram os jogadores; vão além do macegal cá embaixo e da primeira curva do rio; perdem-se no naco de campo que se alonga verdinho e se confunde lá adiante com o céu leitoso desta manhã de outono – porque tu só tens olhos para longe, tu não enxergas o aqui e o agora, só vês o lugar distante e o dia seguinte.

Tu queres ir, José Jacinto. Tu só queres ir. Tu vieste, porque estando por aí com todos nós, estavas também em Cañada de Santos e Paso de las Piedras. Mas nem com nosoutros estás mais; já estás fora, já não queres saber desta montoeira de gente alegre que se agita na Tablada, aos gritos e risadas. Estás de pé no estribo, José Jacinto! Estás sempre de pé no estribo.

Tu, José Jacinto, és um tipo calado – e não vou pedir que fales (nem preciso). Gostarias, eu sei, de sorrir para mim, de apontar com a mão o horizonte, e de me contar coisas. Mas tu não és homem de conversa, José Jacinto, e sério calas sem indicar os lugares perdidos nas lonjuras, as remotas paragens, esses confins todos por donde te mandas mudar sempre, de mala nos tentos, andejo e andejo.

O que não me contas, o que calculas que não sei e que tanto querias me contar; o que recordas em tua memória; aquilo de que estás seguro, por conhecimento e prova; o que presumes, por suposto e imaginário; o que sonhas no dormido e no acordado – tudo tudo eu sei e não precisas pôr de manifesto. A mim não me tens que mostrar nada, nem explicar nada.

Haverás de lembrar outros tempos, outros dias, outro domingo como este, e aquela tarde em que despertaste no rancho com montões de dinheiro, o dinheiro todo que encontraste num banco da estação Rincón.

Só eu e tu sabemos mesmo o que havias achado num pacote. Nem Marita, ela própria, suspeita de onde terá saído o dinheiro, de onde o tiraste; só eu sei, como ela, que o guardaste naquela lata de querosene para a qual fizeste, logo depois, uma bem falquejada tampa

de madeira – aquela lata que tiveste tão escondida e de onde retiravas, de tanto em tanto, somente o indispensável para ir te levando a vida.

Só eu sei com o que sonhaste aquela tarde: tomavas um pratarrão de leite com mogango, saías com o cabelo ensopado da água de uma cachoeira, lançavas o osso três vezes – e três vezes te dava suerte!

Não sonhaste com tua mãe nem com a metade de teus irmãos que haviam morrido órfãos; nem com tuas avenças e desavenças, montado ou a pé, de changa em changa por tudo que era estância e granja; nem com o rancho fresco de Marita, com o cachorro embaixo do catre ou o cavalo te esperando lá fora.

Não sonhaste com o pacote nem com o dinheiro que estava dentro. Não tiveste um sonho sobressaltado de recriminações. Não sonhaste com a AFE – Administración de Ferrocarriles del Estado, nem com o chefe-de-estação, tampouco com nenhum chefe.

Não. Não sonhaste com o montão de dinheiro, nem compraste coisas nem enriqueceste. Não foste a conhecer Montevideu, não te viste com uma ponta de campo, não deste um vestido novo para Marita.

Tomaste um pratarrão de leite com mogango.

Saíste com o cabelo ensopado da água de uma cachoeira.

Lançaste o osso três vezes. E três vezes te deu suerte!

Só eu sei como tens levado a vida, Pochochá, como tens levado a vida desde aquele domingo, desde aquela tarde, desde aquele sonho, desde que separaste a primeira nota de dinheiro velho e foste com Marita a ver uma partida de futebol que nem esta – e compraste um picolé para Marita e pudeste vê-la, feliz pudeste vê-la sorrindo nervosa com aquele gelo colorido que pela primeira vez se derretia em seus lábios.

Só eu sei, José Jacinto, o que sabes e o que não sabes. E do que não queres saber.

José Jacinto sabe muito bem que o pacote de dinheiro que achou um dia na estação Rincón não lhe caiu do céu (era dinheiro das redondezas, recolhido centésimo a centésimo nos pequenos comércios – mais ainda: talvez fosse dinheiro dos pobres das granjas, pago a troco nas cantinas por qualquer porquera – era dinheiro graúdo tomado por gente acaudalada

para ser posto a interesse nos bancos de Treinta y Tres). Mas José Jacinto tenta acreditar que São Cono lhe deu uma mão.

Bueno, diria José Jacinto, não é que eu não creia, mas é que alguém largou o dinheiro no banco da estação (e não foi São Cono, porque o dinheiro era usado, velho, e olhe que tinha dono e destino). Ademais, por que o santo haveria de fazer dinheiro? como? para quê? Se dinheiro é coisa que um ganha ou rouba: quando ganha, ganha pouco; quando rouba, rouba muito. Dinheiro não é coisa de se deixar por aí, e nem se perde assim no mais. Dinheiro não se acha em qualquer banco de estação.

Toda essa dúvida na cabeça de José Jacinto fazendo de conta que pensava na obra de São Cono servia para que não se recriminasse, não pensasse que – por favor! – tinha agarrado o pacote de cima do banco e fugido com ele para dentro do carro-motor. Ao mesmo tempo, servia para convencê-lo de que tinha mesmo achado o dinheiro, tinha encontrado um pacote de dinheiro como qualquer outro poderia encontrar no banco da estação. Brabo, entretanto, era saber que aquilo era muito dinheiro; e que, quando se rouba, se rouba muito.

José Jacinto sabe muito bem o que sentiu quando viu o pacote, o que pensou, e o que fez com o pacote, metido no WC do carro-motor. De que lhe valeria o santo se ele mesmo não tivesse desmanchado a tempo o pacote e escondido o dinheiro por tudo que tinha de disponível?

De modo que o santo terá ajudado José Jacinto quando muito a estar na estação justo quando esqueceram o pacote sobre o banco. Embora José Jacinto saiba, também, que chegou à estação Rincón na mesma hora em que chegava sempre: havia conseguido uma carona de camioneta e, sem pressa ou tardança, estava lá a tempo de esperar mui tranquilo que se apresentasse o carro-motor.

José Jacinto, efetivamente, não sabe quanto dinheiro havia no pacote que encontrou sobre o banco (nunca contou). Não sabe para onde mandavam aquele dinheiro nem quem mandava (não quis saber). Só tenta se convencer de que não roubou nada, que nem sabia o que estava enrolado ali; e que,

quando viu que era dinheiro, o carro-motor se ia, já não dava para fazer mais nada.

Não é que fosse devolver o dinheiro. Mas se o carro-motor não chega logo, como é que ia pegar o pacote, sabendo que era de outra gente? Tinha que chamar alguém, perguntar de quem era aquilo, descobrir a quem pertencia. Aí, todavia, a estação estava como que abandonada, de deserta. Nem miras de gente, dentro ou fora. E então se veio o carro-motor e se vieram as pessoas de sempre...

José Jacinto fez uma tonteria, reconhece. Não a de pegar o pacote e levá-lo para dentro do carro-motor. Mas a de, tempos depois, muito depois, sem necessidade, sem que Marita jamais perguntasse nada, mentir para Marita que tinha achado o dinheiro dentro do carro-motor mesmo, lá num banco vazio do carro-motor, sem ninguém por perto, já chegando, já se apeando, bem na hora de desembarcar, quando vinha saindo pelo corredor e deu com o pacote e pegou o pacote e desceu com ele.

Foi uma mentira que doeu por dentro em José Jacinto porque Marita continuou sem dizer nada, sem perguntar nada, só dobrou uns panos que estava planchando e levantou os olhos para ele, para que ele entendesse que aquilo não tinha importância; mas aí José Jacinto se deu conta de que ela bem que poderia perguntar pois então? quando foi que tu desmanchaste o pacote? e como foi que tu te arranjaste para esconder o dinheiro na roupa, no lenço, nas botas...?

São Cono talvez tenha dado uma ajuda ao deixar José Jacinto só, na estação. Alguém trouxe o dinheiro para despachá-lo ou levá-lo junto no carro-motor... mas como é que alguém deixa um pacotão cheio de dinheiro num banco de estação e vai embora? José Jacinto não alcança saber. Só que também não crê que possa ter sido obra de São Cono. São Cono, quando muito, terá arranjado uma maneira de, bueno, como é que um santo, por mais santo, por mais santo que seja, pode ocupar o chefe-de-estação lá dentro tanto tempo? pode atrasar não um, mas todos os passageiros? deixá-los lá fora esperando como se não soubessem que o carro-motor vinha logo logo?

Havia uma simpatia para São Cono que D. Celeste fez uma vez a pedido de José Jacinto: amarrou três vezes, três dias seguidos, de três maneiras diferentes uma fita mimosa encarnada na crina sem toso do cavalo de montaria dele; depois repetiu tudo, por mais três dias, com a mesma fita, mas com tosadura a meio cangotilho; e completou a simpatia nos três dias seguintes, com crina tosada a cangotilho. Quando José Jacinto voltou para buscar o animal, D. Celeste entregou o cavalo com tosas de cola e crina, dizendo-lhe que eram três vezes três três vezes as sortes que tinha agora, mas que três vezes três três vezes deveria rezar a oração de São Cono, três vezes três três vezes pedir ao santo o que queria, e três vezes três três vezes repetir a promessa que precisava fazer; então, se fizesse tudo três vezes três três vezes bem como tinha que ser, haveria de ganhar três vezes três três vezes três três vezes o dinheiro que precisasse, três vezes três três vezes por reza, três vezes três três vezes por pedido, três vezes três três vezes por promessa.

José Jacinto gosta de pensar que foi atendido por São Cono, embora jamais tenha balbuciado ao menos uma vez a reza do santo ou formulado a ele um só pedido ou lhe feito qualquer promessa; mesmo que nem fizesse idéia do dinheiro que podia precisar; apesar de nunca ter conseguido saber quantas vezes eram três vezes três vezes três três vezes...

Ele não encararia D. Celeste, não a olharia nos olhos se precisasse dizer diante dela que havia achado o dinheiro por obra de São Cono. Mire, D. Celeste, São Cono me deu este dinheiro, todo este dinheiro foi obra de São Cono – ele não se animaria a dizer, jamais diria, mesmo que se sentisse preparado para alegar que encontrara o pacote por milagre, caso ainda viessem atrás do dinheiro.

Um dia D. Celeste chegou para José Jacinto e disse:

– Tu, tu havrás de ser mui rico sin lo saber.

Mas José Jacinto não se lembra disso. E há coisas de que não adianta fazê-lo recordar. De modo que José Jacinto não se dá conta de que, com o dinheiro que achou, está rico, ficou-se mui rico sin lo saber! Ele acha que ser rico é ter campo e campo, gado, muito gado! ou granja e granja assim de arroz! Ele pensa

que ser rico é viver na cidade em casa de sacada, ou dormir em hotel e andar de auto. Ele não vê que dinheiro compra campo, granja e casa, e paga gado, hotel e auto. Ele acha que essas coisas não têm preço, que a gente só paga o que come e só compra o que dá para comprar: roupa, trastes, aperos de montaria, armas, ferragens, cavalos de sela e tiro, junta de bois; essas coisas que todos precisam, e mais as outras que servem para os vícios. Agora: casas na cidade, estâncias, arrozaís, isso a gente rica tem porque é rica, isso é coisa de gente rica – eles têm, sempre tiveram. Para ser rico é preciso ter essas coisas que não há dinheiro que compre. Como não há dinheiro da gente que chegue para povoar um campo de gado, para manter uma pessoa toda a vida num hotel e para que essa mesma pessoa ande num auto só dela. Isso é coisa só para rico, porque é aí que os ricos têm ou tiram o dinheiro que a gente não tem nem de onde tirar.

José Jacinto não sabe direito a reza de São Cono mas não ignora que São Cono é santo pobre, é santo dos pobres, capaz de multiplicar através do número 3 os pequenos desejos que atendam às necessidades dos paisanos – que ninguém vai querer do santo o impossível; até porque, se todos quisessem coisas demais, não haveria santo nem coisas que chegassem.

José Jacinto está certo de que São Cono é santo dos pobres porque rico não precisa de milagre; ser rico já é um milagre que ninguém consegue entender direito. José Jacinto, quando conclui assim, não distingue se isso é cisma dele mesmo ou idéia de alguém que lhe falou essas coisas às risadas, entre uma canha e outra. E de fato mesmo, ele não se animaria a repetir de boca para fora o que pensa, se é que pensa isso.

Para José Jacinto, o mundo é esse mesmo – que vai se fazer? Não há notícia de um só pobre que tenha ficado rico por milagre. E também não há doutor ou padre ou curandeiro que explique por que milagre os ricos ficam mais ricos. Mesmo assim, há que acreditar em milagres, porque afinal eles existem. Disse D. Celeste que eles, até por serem milagres, carecem de explicação. Mas como vai a gente se fiar em milagres, haja seca e não venha chuva, haja enchente e não pare a tormenta; venha a chuva e acabe a seca, pare a chuva e cesse a cheia? Como vai a gente se fiar no santo e não correr? se a gente mesmo é que

faz milagre tão seguido, às vezes todo o dia, sem precisar ser santo como São Cono, nem santa como D. Celeste, sendo cada um tão malo como seus próprios pecados e erros em segredo.

Quando a gente fura um poço e faz brotar a água fria diante do sol, isso é um milagre; quando a gente mexe com lichiguana e tira o mel mais fino no meio do mato, isso é um milagre; quando a gente doma um cavalo e ele obedece à rédea e já só vai aonde a gente quer, faceiro, isso também é um milagre. Só que, se a gente não fura o poço, não mexe com lichiguana e não doma o cavalo, não há cavalo que obedeça à rédea, nem mel fino que se coma nem água fresca que se beba.

Nunca na vida José Jacinto teria jeito de dizer essas coisas. Ele tem medo de achar que os santos, nas igrejas, são muito velhos sempre ali com aquelas suas roupas, e que já devem ter feito todos os milagres possíveis em outras partes do mundo de onde vieram. A Santa Virgem, Santa Maria Puríssima, essa é santa de devoção das mulheres e de tanta gente que reza Ave Maria nas horas certas que – que coisa! – o melhor é já não depender dela. O melhor é fazer a gente mesmo os milagres que São Cono, que é santo criollo, o único santo igual à gente, pode e sabe fazer: estar sempre disposto a tudo, a atender todos os pedidos, mas nunca ordens; ser sempre bom, mas nunca tão bom que, por falta de maldade, passe por bobo; ah! e de vez em quando arriscar um jogo na quiniela, que três vezes três vezes a lo mejor lhe dá suerte!

José Jacinto sabe que há milagres mas não acredita neles. Quando vai pelo campo a cavalo, há um instante em que se dá conta de que aquele cavalo, aquele animal... ou então pensa no mel, na lichiguana... ou bebe devagar a água do poço, certo de que não há milagre mas que tudo aquilo é um milagre só dele. Então se assusta de imaginar aquelas coisas, fica com medo de D. Celeste, de São Cono, lembra que Marita – um dia – lhe apareceu na garupa. E, antes de agradecer a D. Celeste por lhe ter quebrado o encanto, percebe que se não passasse pelo pueblo e carregasse a pipa, Marita não lhe teria vindo atrás; que se contasse tudo a D. Celeste, quebraria ele mesmo o encanto e não haveria quebranto a desmanchar. E se assusta com o que lhe

passa e fica com medo de bancar o sonso, com demasiada maldade na cabeça.

Por tudo isso José Jacinto não olharia D. Celeste nos olhos se precisasse dizer diante dela que havia achado o dinheiro por obra de São Cono. José Jacinto não se dá conta de que, com o dinheiro que achou, está rico, quedou-se mui rico sin lo saber! Ele não admite que esteja rico, não lhe ocorre que pode comprar campo, granja, gado... morar em casa de sacada ou viver toda vida num hotel, e ter um automóvel só seu. Ele não diria que está rico. Nem diria que foi tudo obra do acaso – deu-lhe suerte, e pronto! – mas não admitiria, também, que foi um milagre.

Ele, José Jacinto, simplesmente não consegue entender que está rico. Agora, ainda é o mesmo de sempre, às voltas com seus pequenos milagres que não sabe explicar. E trata de ir gastando todo a dinheirama que tem, aos poucos – como quem obtém pequenos favores, apenas os necessários; como quem fura um poço ou mexe em lichiguana ou doma um cavalo. Trata de gastar, afinal, no que precisa. E sente-se pobre como sempre; mas pobre sem muita precisão.